

## SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS .....	9
Apresentação .....	9
A estrutura do livro .....	10
Linguística histórica não é história da linguística .....	13
2. A PERCEÇÃO DA MUDANÇA .....	14
As línguas mudam com o passar do tempo .....	14
Alguns exemplos .....	16
Comentando os exemplos .....	23
A língua escrita e a mudança .....	24
A reação dos falantes à mudança e os cuidados do linguísta .....	27
Um dado empírico fundamental: qualquer língua humana é sempre um conjunto de variedades .....	31
O que pode mudar nas línguas .....	34
Uma observação terminológica .....	43
3. CARACTERÍSTICAS DA MUDANÇA .....	44
A mudança é contínua .....	44
A mudança é lenta e gradual .....	46
A periodização da história das línguas .....	49
A mudança é (relativamente) regular .....	50
Leis fonéticas e analogia .....	51
Encaixamento estrutural e social .....	58
História interna e história externa .....	59
Só história interna? .....	60
A mudança emerge da heterogeneidade .....	67
Conflitos de concepção .....	70
Causas ou condições? .....	73
Mudança linguística: progresso ou degeneração? .....	75
A mudança é, então, teleológica? .....	82
Uma avaliação das hipóteses teleológicas .....	88
4. A LINGÜÍSTICA HISTÓRICA É UMA DISCIPLINA CIENTÍFICA .....	91
Diversidade teórica .....	92

Sincronia e diacronia .....	94
Linguística descritiva teórica x linguística histórica .....	98
Precedência da sincronia .....	99
A hegemonia dos estudos sincrônicos e o questionamento da dicotomia sincronia/diacronia .....	100
Concepções de linguagem e orientações teóricas diferentes .....	102
Selecionando orientações teóricas .....	105
O ecletismo seria uma saída? .....	110
Um debate em andamento .....	112
Uma nota sobre <i>explicação</i> em linguística histórica .....	113
As três vias .....	118
Uma palavra sobre o método comparativo .....	125
5. HISTÓRIA DA NOSSA DISCIPLINA .....	128
Os grandes períodos da linguística histórica .....	129
Um comentário prévio .....	130
Os primeiros momentos .....	132
A criação do método comparativo .....	133
Grimm e o estudo propriamente histórico .....	134
O caso Rask .....	136
A criação e o papel da filologia românica .....	136
A obra de Schleicher .....	137
Os neogramáticos: um divisor de águas .....	139
As leis de Verner e Grimm .....	142
A analogia .....	143
A obra de Paul .....	145
Avaliando o movimento neogramático .....	147
As críticas aos neogramáticos .....	150
A obra de Schuchardt .....	151
Meillet: finalmente uma concepção sociológica do falante e da língua .....	152
O impacto do estruturalismo .....	155
Uma breve avaliação do impacto do estruturalismo nos estudos diacrônicos .....	162
O gerativismo em diacronia: o estruturalismo com roupa nova .....	163
Análises tipológicas .....	169
Uma breve avaliação do gerativismo e das análises tipológicas .....	174
Retomando outros caminhos .....	178
Concluindo nossa viagem histórica .....	188
Um último exemplo .....	198
Breve notícia dos estudos históricos no Brasil .....	201
6. CONCLUINDO .....	204
Anexo: A FAMÍLIA INDO-EUROPÉIA .....	207
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	209

## 1. PRIMEIRAS PALAVRAS

### **Apresentação**

A primeira versão deste livro foi publicada em 1989. Vivíamos, naquela época, um momento de renovado interesse pelos estudos lingüísticos históricos no Brasil, e o livro se apresentava como uma pequena introdução a esse ramo do conhecimento. Seu primeiro público-alvo era, portanto, os estudantes de graduação em letras. Queríamos oferecer-lhes um panorama dos estudos da mudança lingüística visando despertar neles o interesse pela história da(s) língua(s).

Mas o livro se destinava igualmente ao público em geral, a qualquer pessoa interessada por esse fascinante e ainda bastante misterioso fenômeno que é a mudança lingüística. O livro, portanto, estava concebido também como um texto de divulgação científica.

Nesta nova edição revista e ampliada, os objetivos permanecem os mesmos. Preservamos as grandes linhas da primeira versão e, ao mesmo tempo, procuramos revisar o texto, atualizando-o e ampliando-o. Para isso, aproveitamos os comentários e críticas que recebemos de colegas professores, de estudantes e de leitores em geral.

Deixamos aqui registrados nossos agradecimentos a todos os que pontuaram defeitos e lacunas na versão anterior. Agradecemos, em especial, ao colega Marcos Bagno, professor de lingüística da UnB, que, além de críticas e comentários, nos fez a provocação que resultou nesta nova edição. Reiteramos, por fim, nossa gratidão aos colegas Affonso Roble e Cristovão Tezza, que, nos idos de 1988, se dispuseram a ler criticamente o manuscrito da primeira versão. A nenhum deles, obviamente, cabe qualquer responsabilidade pelas lacunas e insuficiências que perduram. Apresentar numa centena de páginas um tema tão vasto e complexo continua a desafiar as limitações do autor.

## **A estrutura do livro**

Introduzir-se numa disciplina científica qualquer significa familiarizar-se com as atividades desenvolvidas pelos pesquisadores daquela especialidade. Em mais detalhe, significa conhecer os recortes da realidade com os quais eles trabalham e os métodos que utilizam para agir sobre esses recortes, isto é, suas categorias e procedimentos analíticos, incluídos aí os sistemas de argumentação com os quais sustentam suas hipóteses. Em outras palavras, significa conhecer a teia que amarra recortes, métodos e sistemas argumentativos e as grandes opções epistemológicas de partida que os justificam.

Significa também conhecer a história dessa disciplina, isto é, a forma como se deu e se vem dando a sua construção: os pontos de maior consenso da comunidade científica em determinados momentos;

as polêmicas do passado e do presente; as grandes sistematizações teóricas ordenadoras da ação de grupos de estudiosos, e seus respectivos compromissos filosóficos de base; os necessários conflitos entre esses sistemas, as mutações epistemológicas, as renovações de objeto e métodos. Inclui-se aqui também a bibliografia básica: os textos clássicos, os manuais de referência, as fontes de informação.

Em vista disso, distribuimos nossos temas em seis capítulos, procurando, de saída (Capítulo 2), despertar no leitor a percepção da mudança lingüística (nosso objeto de estudo), situando-a no contexto mais amplo da realidade heterogênea de cada uma das línguas humanas.

No Capítulo 3, buscamos caracterizar a mudança lingüística, apontando suas especificidades e destacando algumas das respostas teóricas aos problemas colocados pela variação das línguas no eixo do tempo. Incluímos, nesse capítulo, uma discussão do tema das motivações das mudanças.

O Capítulo 4 aborda a lingüística histórica como disciplina científica, discutindo certas questões gerais sobre a prática científica, em especial a pluralidade teórica e a forma de se situar nela. Fechamos esse capítulo com uma apresentação das três vias do estudo histórico das línguas, expondo alguns aspectos metodológicos de cada uma delas.

Reservamos o Capítulo 5 para fazer uma retrospectiva histórica da gênese e do desenvolvimento da nossa disciplina, procurando caracterizar as diferentes orientações teóricas que têm existido nestes dois séculos de reflexão sistemática sobre a mudança lin-

güística. Incluímos aqui uma apresentação geral dos estudos lingüísticos históricos no Brasil.

No Capítulo 6, apresentamos indicações de caminhos a serem seguidos pelo leitor que deseja ampliar sua iniciação aos estudos históricos das línguas humanas.

Considerando que este é um livro introdutório, procuramos esclarecer no próprio texto o significado dos termos técnicos. Acrescentamos um Anexo com algumas informações sobre a família lingüística indo-européia.

No geral, nosso esforço vai no sentido de fornecer ao leitor uma visão panorâmica da disciplina. Delineamos os temas, buscando apresentar realisticamente a multiplicidade de orientações teóricas existente na interpretação dos fenômenos da mudança das línguas. Nesse sentido, o livro busca sua singularidade não na simples listagem e descrição de fenômenos de mudança (facilmente encontráveis em qualquer manual), mas principalmente na discussão dos fundamentos epistemológicos das diversas orientações teóricas que dão vida à nossa disciplina.

Procuramos fazer isso sem esconder nossas preferências por aquelas orientações de fundamento mais sociológico e antropológico, orientações que procuram estudar as línguas primordialmente como realidades socioculturais, sem ignorar sua realidade estrutural, muito embora, em geral, ainda não disponham de um bom modelo teórico para dar conta deste aspecto crucial.

Se não escondemos nossas preferências, procuramos também não diminuir a relevância das outras orientações teóricas. As discussões epistemológicas críticas que tivemos a pretensão de desenvolver neste

livro apontam, em geral, para questões que desafiam todas as teorias que lidam com a mudança lingüística e não se reduzem apenas a problemas específicos desta ou daquela teoria.

## **Lingüística histórica não é história da lingüística**

As pessoas que se aproximam da lingüística histórica pela primeira vez costumam confundir, de início, duas disciplinas científicas distintas: a história da lingüística e a lingüística histórica.

É importante, então, esclarecer de saída essa questão. Uma coisa é estudar a história de uma ciência, recuperando suas origens e seu desenvolvimento no tempo — é o que se faz na *história da lingüística*. Outra coisa é estudar as mudanças que ocorrem nas línguas humanas, à medida que o tempo passa, atividade específica dos estudiosos de *lingüística histórica*.

Neste livro, estamos envolvidos fundamentalmente com esta segunda disciplina, isto é, com o estudo das mudanças por que passam as línguas humanas no eixo do tempo. Contudo, fazemos também um pouco de história da lingüística, ao apresentar, no Capítulo 5, os momentos mais importantes da construção da lingüística histórica como disciplina científica.

Tal apresentação é, sem dúvida, indispensável num livro como este: dificilmente alguém pode se introduzir com proveito numa disciplina científica sem conhecer suas origens e seu desenvolvimento.